



Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Escola Superior de Educação

Grupo Educação e Formação de Professores



ensinar e aprender com
criatividade
dos 3 aos 12 anos

ATAS

2015





Ensinar e Aprender com Criatividade dos 3 aos 12 anos

**ATAS
2015**

Organizadores

Ana Barbosa

Ana Peixoto

Gabriela Barbosa

Lina Fonseca

Linda Saraiva

Luísa Neves

Ficha técnica

Título: *Ensinar e Aprender com Criatividade dos 3 aos 12 anos – atas 2015*

Organizadores: Ana Barbosa, Ana Peixoto, Gabriela Barbosa, Lina Fonseca, Linda Saraiva, Luísa Neves

Cartaz: Nelson Dias

Edição: EdProf e Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Data: Outubro de 2015

ISBN: 978-989-8756-07-7

Depósito Legal: 400115/15

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO: POTENCIALIDADES DA ARTICULAÇÃO CURRICULAR

António José Guedes¹, Pedro Duarte²

¹Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, antoniojoseguedes@ese.ipp.pt

²Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, pedroduarte92@gmail.com

Resumo. A Filosofia para Crianças é desenvolvida por Lipman na década 70 do século passado. Através da sua proposta, Lipman pretendia explorar, com as crianças, conceitos filosóficos de forma a promover o desenvolvimento do pensamento dos mais novos, com o intuito de contribuir para a formação integral das crianças. A Filosofia para Crianças apresenta-se, assim, como uma proposta que possibilita a construção do espírito crítico, criativo e eticamente cuidado das crianças. A par disso, a proposta de Lipman potencia a articulação com as diferentes áreas do saber, situando-se numa perspetiva global e globalizante do conhecimento permitindo, por isso, uma abordagem criativa, integral e integradora das diversas áreas curriculares no 1.º Ciclo do Ensino Básico. O presente trabalho visa explorar essas relações, através de três exemplos concretos, e revelar as potencialidades da Filosofia para Crianças nos primeiros anos do ensino obrigatório. Para isso, serão explorados conceitos teóricos chave e serão concretizados e realizadas tarefas específicas da proposta de Lipman.

Palavras-chave: Filosofia para Crianças, Currículo; Cidadania; Criatividade

Abstract. Philosophy for Children is developed by Lipman in the 70's last century. Through its proposal, Lipman intended to explore with children, philosophical concepts in order to promote the development of thinking of the youngest, in order to contribute to the integral formation of children. Philosophy for Children presents itself thereby as a proposal that allows the construction of critical, careful ethically and creative spirit, of children. Alongside this, the proposed Lipman enhances coordination with the different areas of knowledge, reaching a global, holistic perspective of knowledge, allowing therefore a creative, comprehensive and integrated approach of the different curricular areas in the 1st Cycle basic education. This study aims to explore these relationships through three concrete examples reveal the potential of Philosophy for Children in elementary school. For this will be explored key theoretical concepts and will be implemented and carried out specific tasks of Lipman proposal.

Key words: Philosophy for Children, Curriculum ; citizenship; creativity

A Filosofia para Crianças: Uma abordagem pedagógica

A Lei de Bases do Sistema Educativo considera que o direito à educação se expressa na «garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade» (Artigo 1.º, alínea 2).

Recorde-se que Dewey (2013) relembra dois aspetos diferentes relacionados com o que é enunciado pela Lei de Bases. Por um lado, sustenta a importância da escola para a democracia, no sentido em que a escola permite educar cidadãos que desejam fazer parte da construção e do desenvolvimento social. Pelo outro lado, refere a

importância da escola para a formação completa e integral das crianças. Segundo ao autor (1976), é através da inclusão, em contexto escolar, de áreas como, a educação plástica, musical, o estudo natural através de visitas de estudo e/ou atividades de jardinagem, etc. que a escola é capaz de «secure the complete development of the child» (p.261). A escola é, assim, fundamental para formar e capacitar cidadãos capazes de responder aos desafios de mudança social, de forma a permitir o desenvolvimento integral de cada um dos estudantes (Cabo, 2015).

Face ao exposto, é basilar que a escola seja capaz de formar cidadãos civicamente ativos e participativos, sustentando a incidência educativa nas dimensões do ser, formar e transformar (Leite, 2003). Ressalva-se, porém, que, para que seja possível corresponder a estes desafios, é necessário alicerçar a prática educativa numa verdadeira educação para a cidadania (Quimelli, 2006; Medicis & Zago, 2008). É por isso necessário desenvolver, nos estudantes, a capacidade de analisar e criticar (Medicis & Zago, 2008), de modo a que adquiram competências para que, no futuro, sejam capazes de exercer ativamente a sua cidadania (Garcia, 1999; Guedes, 2015) e reedificar a sociedade (Quimelli, 2006).

Todavia, a escola continua a não ser capaz de desenvolver o espírito crítico e reflexivo das crianças, impossibilitando, dessa modo, a sua formação enquanto indivíduo completo e agente social (Garcia, 1999). Esta dificuldade coaduna-se com a necessidade de adequar o currículo face ao contexto e ao meio em que se insere a escola (Dinis & Roldão, 2004; Leite, 2012), de forma a permitir que todos as crianças tenham a possibilidade de ser tornarem indivíduos completos (Roldão, 1999). Face a estes pressupostos, a articulação curricular surge como um instrumento que permite uma construção articulada do saber (Bravo, 2010).

Lipman (1988; 2003) propõe, na década 70, a exploração, com as crianças, de assuntos filosóficos, denominando-se essa abordagem de Filosofia para Crianças. A proposta de Mathew Lipman (1988; 2003) pretende desenvolver, em contexto escolar, o espírito crítico, criativo e eticamente cuidado (Guedes & Rego, 2012), através do desenvolvimento do pensamento filosófico. Abordagem em Filosofia para Crianças não deve ser entendida como uma metodologia que tem como objetivo a abordagem de conteúdos específicos da Filosofia, pretende-se que, através dela, as crianças tenham possibilidade de desenvolver competências que lhes permitam ser mais autónomas (Vansieleghem, 2005). Percebe-se, desta forma, o contributo da proposta de Lipman para a escola que inclui o desenvolvimento da cidadania.

Ainda que não tenham noção da sua relação com a Filosofia, as crianças estão predispostas a discutirem assuntos filosóficos, ao contrário do que tendencialmente se afirma (Matthews, 1994; Lipman, Sharp, & Oscanyan, 2001).

A proposta de Lipman, retoma o que é defendido por Dewey (2013), centrado a ação educativa no processo de descoberta e não na abordagem de conteúdos factuais (Daniel, Schleifer, & Lebois, 1992; Lipman, 2003), uma vez que a construção de significados tem que, obrigatoriamente, incluir o processo de descoberta (Lipman, Sharp, & Oscanyan, 2001). Em concomitância com estes propósitos, o professor não deve centrar o processo educativo nas respostas, mas sim em processos que permitam facilitar o aparecimento de perguntas e incentivar a procura (Gadotti, 1999), de forma a promover a reorganização e reconstrução das experiências dos estudantes, sustentado no intercâmbio recíproco entre a escola e os estudantes (Guedes & Rego, 2012).

O Currículo de Lipman tem a particularidade de ser explorado por um conjunto alargado de novelas filosóficas, que mais não são do que um encontro feliz entre a Filosofia e a Infância. Nesse sentido, a diversidade de novelas que acompanha a diversidade de temáticas de cariz filosófico nelas desenvolvidas, assumem-se como um instrumento fundamental para quem quer, de forma sistemática e continuada, aprofundar, de modo coeso, a infância e a filosofia. No entanto, a quando da sua implementação tem que se cuidar de alguns constrangimentos que a americanização pode acarretar. A diversidade de experiências espalhadas um pouco por todo o Mundo, associada à proposta de Lipman, garante, nas instituições, uma excelente forma de poder implementar a Filosofia para Crianças num exercício vivo de cidadania.

Um outro conceito que está intimamente ligado ao projeto de Filosofia para Crianças é o de comunidade de investigação, na qual Lipman sustenta a sua abordagem (Lipman, 1988; 1999; 2003; Daniel, Schleifer, & Lebois, 1992; Gadotti, 1999; Vansieleghem). Na comunidade de investigação, o professor assume o papel de mediador e questionador (Gadotti, 1999; Lipman, Sharp, & Oscanyan, 2001), com o objetivo que os estudantes desenvolvam as suas capacidades de compreender e julgar (Guedes, 2015). Desta forma, o processo deve centrar o seu papel na mediação da discussão, facilitando o processo de raciocínio das crianças (Lipman, Sharp, & Oscanyan, 2001). A discussão criada dentro da comunidade investigativa surge como uma conversa articulada entre o professor e os alunos e visa despoletar um diálogo investigativo (Elias, 2005), uma vez que esse diálogo possui uma estrutura e regras próprias (Lipman, 2003).

Para o desenvolvimento da comunidade de investigação, é essencial garantir que há um objetivo específico a desenvolver (Lipman, 2003) e que todos os envolvidos pretendem, verdadeiramente, contribuir para o seu desenvolvimento (Daniel, Schleifer, & Lebois, 1992). Deve-se, porém, salvaguardar a individualidade de cada uma das crianças, para que cada uma desempenhe um papel específico na comunidade, de acordo com os seus gostos e com as suas predisposições (Lipman, Sharp, & Oscanyan, 2001).

Em comunidade de investigação, as crianças irão discutir e refletir (sobre) os conceitos como: a liberdade, a igualdade, a justiça, ... (Daniel, Schleifer, & Lebois, 1992). Esta abordagem permitirá que as crianças reflitam sobre temas filosóficos. Contudo é necessário salientar que a abordagem de Filosofia para Crianças, também prevê a exploração do pensamento e das regras de pensamento, porque, como refere Dewey (1989), «el pensamiento requiere una cuidadosa y atenta orientación educativa» (p.37). Para isso ser possível, é fundamental que as crianças tenham oportunidade de pensar sobre o pensar (Trickey & Topping, 2007), para que possam descobrir as regras do pensamento e do raciocínio e a sua utilidade (Johnson, 1984).

Salienta-se que Lipman (1988;2003), reconhece a importância do desenvolvimento do pensamento no desenvolvimento de aprendizagens essenciais, que são transversais a outras disciplinas como a língua materna (leitura) e a matemática. Percebe-se, assim, o potencial da abordagem de Filosofia para Crianças como elo de ligação entre as diversas áreas do saber (Marnoto, 1990; Lipman, 2008; Guedes & Rego, 2012).

A relação da Filosofia para Crianças com os Estudos Sociais é facilmente reconhecível, uma vez que os estudantes têm oportunidade de discutir aspetos iminentemente sociais como a justiça, a cidadania e a democracia (Lipman, 2008). Pelo trabalho em comunidade de investigação, as crianças terão oportunidade de explorar e incluir no debate o seu espaço social, permitindo a sua autorreflexão e o posicionamento face à

sociedade e os seus valores (Lipman, Sharp, & Oscanyan, 2001; Leleux, 2005; Guedes & Rego, 2012).

Por sua vez, a relação entre Filosofia para Crianças e a Língua Materna tem sido explorada de duas formas diferentes. Por um lado, a relação entre a Literatura e a Filosofia (Volker, 1999; Patriota, 1999; Larrosa, 1999). Pelo outro, a aproximação entre a estrutura e o funcionamento da língua com a estrutura do pensamento e a correlação presente entre as competências do pensamento e as competências linguísticas (Lipman, 1988; 2003; Ferry, 2005).

Todavia, e de acordo com Lipman (2003), não é suficiente a inclusão de Filosofia para Crianças no currículo, é necessário que noutras disciplinas seja explorada a importância do pensamento e a necessidade de pensar. É através desta gestão curricular que são consolidadas as potencialidades cognitivas das crianças (Lipman, Sharp, & Oscanyan, 2001).

Contudo, como é apresentado por Lipman (2008) a abordagem em Filosofia para Crianças, tem um potencial superior. É possível, através da educação filosófica, preparar as crianças para pensar, para que encontrem significado e sentido nas diferentes experiências de aprendizagem nas restantes disciplinas, em que a abordagem filosófica é encarada como uma atitude pedagógica (Guedes, 2015)

No contexto Português, a inclusão de Filosofia para Crianças ainda não foi incluída no currículo pelo que, em contexto de ensino, fica, essencialmente, circunscrita a explorações singulares, como na escola do Jasmim (Valadares) e no Colégio Novo da Maia (Maia). Contudo, o 1º Ciclo do Ensino Básico, apresenta-se como uma fase com um enorme potencial para servir de elo agregador entre todas as áreas do saber, como é ilustrado na seguinte figura.

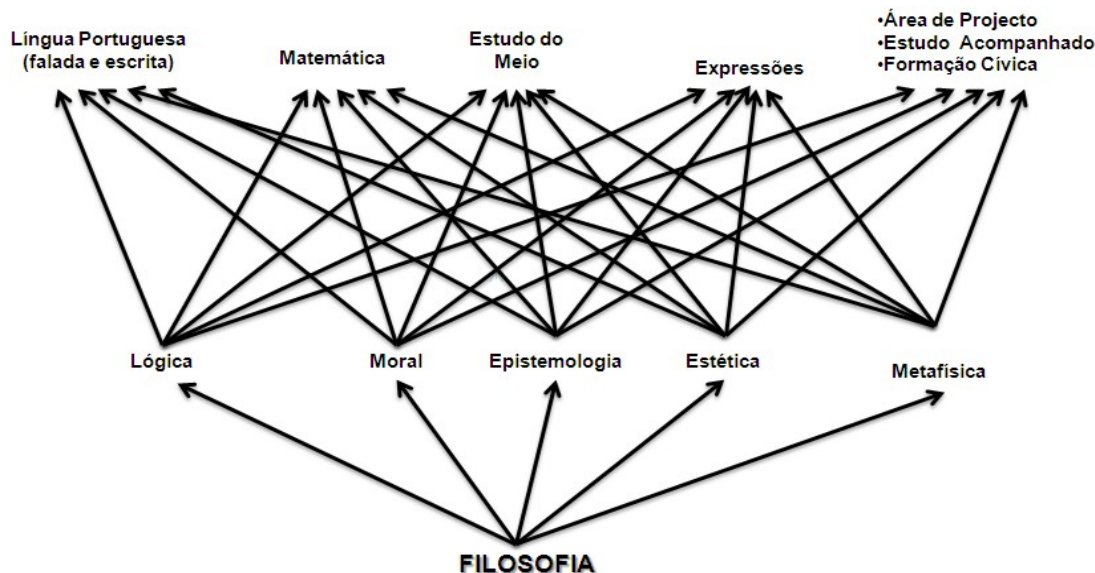


Figura 1- Subcategorias da Filosofia ligas às disciplinas escolares, retirado de Lipman 2005, p.28

A Articulação Curricular no 1.º Ciclo do Ensino Básico

O 1.º Ciclo do Ensino Básico é o primeiro patamar de escolaridade obrigatória, e é composto por quatro anos, tem como especificidade a monodocência. Dessa forma, o professor afirma-se como um docente de tempo integral que possibilita uma gestão

curricular própria (Dinis & Roldão, 2004). Essa gestão e flexibilidade curricular surge e sustenta-se na necessidade dos professores e educadores se afastarem de práticas características do ensino tradicional, subjacente a um currículo uniforme (Leite, 2003). Propõe-se, então que a Filosofia para Crianças seja, não um domínio extra curricular, mas um elemento que possibilite a articulação curricular nos primeiros anos de escolaridade, como se verifica nos seguintes exemplos:

Tabela 1- Relação entre as áreas curriculares e a Abordagem em Filosofia para Crianças

Ano de Escolaridade	Português	Matemática	Estudo do Meio	Abordagem em Filosofia para Crianças
2º	Sequência Temporal	Instrumentos de Medida do Tempo	Estações do Ano Passado Longínquo e Passado Próximo	O Tempo
3º	Formar feminino e plural de nomes Flexionar pronomes Propor alternativas diferentes		Seres vivos Meios de Comunicação/Transporte	Mudança / Evolução
4º	Informar, explicar Escrever textos informativos	Frequência Relativa Noção de Percentagem	Passado do Meio Local Portugal na Europa e no Mundo Qualidade do Ambiente	A Sociedade Homem natural vs Homem social

Ainda que se tenham exposto as relações possíveis com as diferentes áreas curriculares, de seguida, apresentar-se-ão, apenas, as atividades no âmbito da Filosofia para Crianças que têm a potencialidade de servir como elementos de articulação no 1.º Ciclo do Ensino Básico, como está exemplificado na Tabela 1.

Proposta para o 2.º ano de escolaridade – Os anos e o Tempo

A presente proposta pretende ilustrar uma atividade que possibilita a exploração do conceito tempo no 2.º ano de escolaridade, não ignorando, como referem Ponte e Serrazina (2000), que «o tempo é uma das grandezas mais difíceis de ensinar porque é intangível e contínua» (p.200). Contudo, através da exploração em Filosofia para Crianças, não se pretende explorar a grandeza matemática, mas sim o próprio conceito e a forma como cada criança se apropriou (ou não) do mesmo.

Dessa forma, sustenta-se a exploração num plano de discussão, baseado na proposta de Sharp e Splitter (2008) em que se começa por explorar aspetos que facilitam a abordagem do tempo.

Plano de discussão

1. Quantos anos tens?
2. Como soubeste essa resposta?
3. Se tens uma boneca que está vestida como um bebé, isso significa que tem menos de um ano de idade?
4. A partir de quando comesças a contar a idade dos teus brinquedos?
5. Quantos anos tem o teu brinquedo favorito?

6. O que é um ano?
7. É algo que consegues ver? sentir? medir?
8. Há outras formas de medir o tempo?
9. Por que é importante medir o tempo?
10. O que é o tempo?

Proposta de tarefa

Após a discussão desenvolvida pelas crianças, pede-se que elas pensem como representar o tempo através de um desenho. Depois de cada criança desenhar o tempo, são apresentados os trabalhos elaborados, em que cada uma justifica a sua escolha. Poder-se-á apresentar diversas variantes que estruturam o desenho das crianças:

1. Não podem ser instrumentos de medida do tempo (relógios, calendários,...);
2. Só pode ser um objeto;
3. Só pode ser uma paisagem;
4. ...
- 5.

Proposta para o 3.º ano de escolaridade – O que muda e o que evolui

A segunda proposta é indicada para o 3º ano de escolaridade e visa explorar e/ou sustentar a exploração da mudança e da evolução nos diversos domínios no 1.º Ciclo do Ensino Básico, como a biodiversidade (relacionando-a com o evolucionismo) e a evolução no âmbito social (como é o caso dos meios de transporte e meios de comunicação). Contudo, à semelhança do que foi explanado na proposta anterior, centrar-se-á a proposta na abordagem filosófica dos conceitos de mudança e evolução. A proposta estrutura-se em dois momentos diferentes. Inicialmente, explora-se, através da discussão, os conceitos de mudança, evolução e retrocesso e a sua relação entre eles, fazendo-se, dessa forma, um levantamento das diferentes posições de cada um dos estudantes. No momento seguinte, desenvolve-se uma tarefa que proporciona a mobilização desses conceitos e uma exploração mais concretizada de cada um deles.

Plano de discussão

1. Conheces algo que esteja a mudar constantemente? E uma coisa que nunca muda?
2. Só porque uma coisa mudou, significa que piorou ou melhorou? Consegues dar exemplos?
3. Quando é que alguma coisa evolui/retrocede?
4. O que é mudança?
5. O que é evolução/retrocesso?

Proposta de tarefa

Depois da discussão, propõe-se que as crianças preencham, individualmente, uma tabela, semelhante à Tabela 2, em que se explora os conceitos aludidos anteriormente.

Tabela 2- Mudança, Evolução e Retrocesso

	Mudança	Evolução	Retrocesso	Nenhum dos anteriores
Emagreceste, hoje pesas menos do que ontem				
Cresceram-te as unhas				
Estás com febre, temperatura do teu corpo é, aproximadamente, 38 °				
Mudaste de roupa				
Mudaste o estilo de música que costumavas ouvir				
Aprendeste a ler e a escrever				
Foi inventado um telemóvel muito mais pesado e muito mais rápido				
Foi inventado o telemóvel mais pequeno do mundo				
Considera-se que o leite não deve ser consumido na idade adulta				
Os animais selvagens foram todos extintos				

....

Através desta tarefa, as crianças têm possibilidade de se posicionar sobre exemplos concretos, no qual há a necessidade de mobilizar as suas perspetivas sobre os conceitos. No momento seguinte, discute-se as respostas, em que as crianças justificam as suas posições. Para terminar, retomam-se algumas questões levantadas inicialmente, sobre os conceitos no seu carácter abstrato e geral.

Proposta para o 4.º ano de escolaridade – Eu e a sociedade

A última proposta apresentada, enquadra-se na exploração da sociedade e da forma como ela se organiza e estrutura. Através desta proposta, pretende-se que as crianças pensem sobre o funcionamento da sociedade e sobre as alternativas à vivência em sociedade.

No momento inicial, propõe-se que as crianças pontuem, de acordo com a importância que atribuem, diversas atividades sociais, como o seguinte exemplo:

Tabela 3 - A sociedade e as atividades sociais

Pontua de 1 a 9, as atividades sociais de acordo com a sua importância (em que a pontuação 1 é a menos importante e a pontuação 9 é a mais importante)

Professor/Professora	_____
Esteticista	_____
Médico/Médica	_____
Bombeiro/Bombeira	_____
Ladrão/Ladra	_____
Jardineiro/Jardineira	_____
Polícia	_____
Juiz/Juíza	_____
Estudante	_____

Após o preenchimento das tarefas, são discutidas as respostas, com o intuito de se explorar as atividades que as crianças atribuem maior e menor importância. Através dessa descoberta, discute-se a importância relativa de cada uma delas e, com especial relevância, a importância absoluta do papel social intrínseco a cada uma das atividades referidas. Após justificção, explora-se a sua inexistência e a inexistência da sociedade.

Plano de discussão

1. Qual é a atividade social que achas que podia não existir? Se essa atividade não existisse, o que achas que mudava na nossa vida? Porquê?
2. Qual é a atividade social que tem mesmo que existir? Se essa atividade não existisse, o que achas que mudava na nossa vida? Porquê?
3. Se não existisse nenhuma dessas atividades sociais, o que achas que mudava na nossa vida? Porquê?
4. Será que todos temos que escolher uma atividade social? Porquê?

Através dessa exploração, é possível discutir aspetos sociais como a educação, a justiça e a segurança. Com a discussão, as crianças têm possibilidade de pensar e refletir sobre a sociedade, sobre o contexto em que vivem e sobre as suas próprias experiências. A par disso, ser-lhe-ás possível construir uma perspectiva global e integradora da sociedade, ainda que essa exploração não esteja explícita na discussão desenvolvida.

Indicações finais

Com as propostas apresentadas, é possível verificar a potencialidade da abordagem de Filosofia para Crianças, baseada na proposta de Lipman, na promoção de uma exploração articulada das diversas áreas curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Não se pretende, porém, considerar que o estas propostas, por si só, permitem a abordagem dos diversos conteúdos, contudo, considera-se que através delas, e portanto, através da abordagem em Filosofia para Crianças, é possível construir alicerces que concretizam um processo de ensino e de aprendizagem solidificado na criatividade e na articulação dos conteúdos, numa perspetiva de educação integradora e integral dos estudantes.

Referências bibliográficas

- Bravo, M. M. (2010). Do Pré-Escolar ao 1º Ciclo do Ensino Básico: Construindo práticas de Articulação Curricular. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Instituto de Educação.
- Cabo, I. L. (2015). (In)quietos e (In)con-formados: A negação marca a diferença na educação dos aprendentes. *Desafios Curriculares e Pedagógicos na Formação de Professores* (pp. 421-438). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) | Universidade do Minho. Obtido de <http://coloquiodesafioscurriculares2015.tk/>
- Daniel, M.-F., Schleifer, M., & Lebois, P. (1992). Philosophy for Children: The Continuation of Dewey's Democratic Project. *Analytic Teaching*, 43(4), 3-12.
- Dewey, J. (1976). The Educational Situation. Em J. Dewey, *The Middle Works, 1899-1924* (pp. 257-314). Illinois: Southern Illinois University Press.
- Dewey, J. (1989). *Cómo pensamos: Nueva exposición de la relación entre pensamiento reflexivo y processo educativo*. (M. A. Galmarini, Trad.) Barcelona: Ediciones Paidós.
- Dewey, J. (2013). *Democracy and Education*. The Project Gutenberg. Obtido de <http://www.gutenberg.org/files/852/852-h/852-h.htm>
- Dinis, R., & Roldão, M. d. (2004). Gestão curricular no 1.º Curricular do Ensino Básico: discursos e práticas. Em J. A. Costa, A. I. Andrade, A. Neto-Mendes, & C. (coords.) Nilza, *Gestão Curricular- per* (pp. 59-78). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Elias, G. G. (2005). *Matthew Lipman e a Filosofia para Crianças*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Ferry, J.-M. (2005). A importância da auto-reflexão e da gramática. Em C. Leleux, *Filosofia para crianças | O modelo de Matthew Lipman em discussão* (pp. 163-172). Porto Alegre: Artmede.
- Gadotti, M. (1999). *A Filosofia para Crianças e Joves e as perspetivas atuais da Educação*. Congresso Internacional de Filosofia coma Crianças e Jovens - IX Encontro do ICPIIC. Brasília: Conselho Internacional para a Investigação Filosófica com Crianças.
- Garcia, J. (1999). Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD*, 95, 101-108.
- Guedes, A. J. (2015). *A educação filosófica como condição do exercício da cidadania*. (aguarda publicação).
- Guedes, A. J., & Rego, M. Á. (2012). *Filosofia para crianças no contexto educativo português*. *Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação*, 58(3).

- Johnson, T. W. (1984). *Philosophy for Children: An Approach to Critical Thinking*. Phi Delta Kappa Educational Foundation.
- Larrosa, J. (1999). Dar a ler, dar a pensar... quem sabe. Entre a Literatura e Filosofia. Em W. O. Kohan, & B. Leal (orgs.), *Filosofia para Crianças Em debate* (2.ª ed., Vol. IV, pp. 119-129). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Lei nº 46/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo de 14 de Outubro da Assembleia da República. *Diário da República I série – Nº 237* (1986).
- Leite, C. (2003). *Para uma escola curricularmente inteligente*. Porto: Edições ASA.
- Leite, C. (2012). A articulação curricular como sentido orientador dos projetos curriculares. *Educação Unisinos*, 16(1), 87-92. doi:10.4013/edu.2012.161.09
- Leleux, C. (2005). Educar para a cidadania através da filosofia para crianças. Em C. Leleux, *Filosofia pra crianças | O modelo de Matthew Lipman em discussão* (pp. 191-204). São Paulo: Artmed.
- Lipman, M. (1988). *Philosophy Goes to School*. United States of America: Temple University Press.
- Lipman, M. (2003). *Thinking in Education* (2nd ed.). New York: Cambridge University Press.
- Lipman, M. (2008). Reforçar o raciocínio e o julgamento pela filosofia. Em C. Leleux (org.), *Filosofia para crianças: o modelo de Matthew Lipman em discussão* (F. Murad, Trad., pp. 17-29). Porto Alegre: Artmed.
- Lipman, M., Sharp, A. M., & Oscanyan, F. S. (2001). *A Filosofia na Sala de Aula*. (A. L. Falcone, Trad.) São Paulo: Nova Alexandria.
- Marnoto, I. (1990). *Didáctica da Filosofia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Matthews, G. B. (1994). *A filosofia da Infância*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Medicis, F. A., & Zago, J. A. (2008). A Foração do Cidadão Crítica: Análise de uma unidade escolar. *Saber Acadêmico*, 6, 190-191.
- Patriota, M. (1999). O que a Literatura oferece à Filosofia. Em W. O. Kohan, & B. Leal (orgs.), *Filosofia para Crianças Em debate* (2.ª ed., Vol. IV, pp. 130-138). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Ponte, J. P., & Serrazina, L. (2000). *Didática da Matemática do 1º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Quimelli, G. A. (2006). Educação para a Cidadania e sua Relação com a Extensão Universitária. *Revista Conexão*, 1(1), 43-47.
- Roldão, M. d. (1999). *Gestão Curricular - Fundamentos e Práticas*. ME-DEB.
- Sharp, A.M., & Splitter, L. J. (2008). *Compreendo o Meu Mundo – Manual do Professor para o Hospital das Bonecas*. Lisboa: Dinalivro.
- Trickey, S., & Topping, K. J. (2007). 'Philosophy for children': a systematic review. *Research Papers in Education*, 19(3), 365-380. doi:10.1080/0267152042000248016
- Vansieleghem, N. (2005). Philosophy for Children as the Wind of Thinking. *Journal of Philosophy of Education*, 39(1), 19-35.
- Volker, P. (1999). Filosofia e Literatura ou as realções perigosa. Em W. O. Kohan, & B. Leal (orgs.), *Filosofia para Crianças Em debate* (2.ª ed., Vol. IV, pp. 139-146). Rio de Janeiro: Editora Vozes.